

O conceito de analogia sob a ótica de Marco Terêncio Varrão

(The analogy concept through the point of view of Marcus Terentius Varro)

Antonio Carlos Silva de Carvalho¹

¹Universidade de São Paulo (USP)

carlosca@usp.br, carloscarval@yahoo.com

Abstract: This article focus on how Varro (116-27 BC), along with the studies of Cleanthes (331-232 BC), from the of Pergamon School, those of Aristophanes of Byzantium (257-187 BC), from the Alexandria school, and departing from the grammatical definitions of Dionysius Thrax, which is divided into six parts with analogy being one of them –incorporated a popular Greek controversy between analogists and anomalists into the first Latin work on theory of grammar (43 BC), which consists of twenty five books. From the remaining books, V to X, the VIII focuses on the counterarguments for analogy; the IX focuses on the counterarguments for anomaly; and, in the book X, Varro exposes his personal opinion about analogy – this way, through varied linguistic facts, the author shows arguments that try to justify the side taken by one or another tendency in facing the discussion regarding the origin of languages.

Keywords: analogy; regularity; proportion; anomaly; Varro.

Resumo: Este artigo visa a discutir como Varrão (116-27 a.C.), combinando os estudos de Cleanthes (331-232 a.C.), da escola de Pérgamo, com os de Aristófanes de Bizâncio (257-187 a.C.), da escola de Alexandria, e partindo das definições da gramática de Dionísio Trácio – dividida em seis partes, sendo a analogia uma delas –, incorporou a famosa controvérsia grega entre analogistas e anomalistas ao primeiro trabalho latino de teoria gramatical (43 a.C.), constituído de vinte e cinco livros. Dos remanescentes, V ao X, o VIII destina-se aos argumentos contrários à analogia; o IX traz argumentos contrários à anomalia; e, no livro X, Varrão expõe sua opinião pessoal sobre a analogia – assim, valendo-se de variados fatos linguísticos, expõe argumentos que intentam justificar a tomada de partido por uma ou outra tendência frente ao problema da origem da linguagem.

Palavras-chave: analogia; regularidade; proporção; anomalia; Varrão.

Introdução

Os estudos gramaticais latinos foram muito influenciados pelas teorias gregas, e à analogia coube papel importante nesse processo; assim, para uma compreensão mais adequada do conceito de analogia no cenário romano, convêm algumas informações acerca de especulações ligadas à origem da linguagem. Contudo, devido à impossibilidade do acesso à quase totalidade dos textos gregos sobre o assunto, visto que muitos se perderam, foi necessário recorrer a fontes indiretas, que ajudassem a situar o uso da analogia por parte dos autores que serviram de ponto de partida aos latinos; daí esta digressão, baseada sobretudo em Pagliaro (1930, p. 13-40), útil à elucidação de certos pontos.¹

Pagliaro, num texto rico em citações, tece comentários acerca de problema muito debatido entre seus contemporâneos do século XIX, qual seja, a origem da linguagem. Em sua linha argumentativa, chega a situá-la nas primeiras passagens bíblicas do livro do *Gênesis*, atribuindo-lhe valor absoluto, conforme seja entendida como criação de Deus,

¹ Este artigo é parte de um trabalho maior que fiz sobre a *analogia* e que ora busco divulgar.

ou valor relativo, se entendida como obra de Adão; no primeiro caso, produto divino, tratar-se-ia de uma verdade objetiva, opondo-se ao segundo, que, na qualidade de obra humana, constituir-se-ia como verdade subjetiva.

Segundo atesta, pré-socráticos como Heráclito, Parmênides e Demócrito são exemplos de autores que não deixaram de considerar o problema em termos opostos de totalidade e relatividade; com efeito, se Heráclito, por um lado, fundamentando sua metafísica panteísta no λόγος “logos”, considera a palavra não enquanto matéria fônica, mas enquanto pensamento, crendo em sua virtude mágica, por outro, Parmênides vê na palavra a multiplicidade dos aspectos enganadores que os homens, convencidos de que fosse a verdade, lhes fixaram; seguindo o relativismo eleático, Demócrito vê nas palavras um casual agregamento de sons.

Com os sofistas, que levaram às últimas consequências as doutrinas da Escola de Eleia, nega-se ao homem toda possibilidade de conhecimento objetivo e, à palavra, toda capacidade de exprimir o real; nesse contexto, desponta a primeira colocação científica sobre o problema da linguagem. Essa dá-se no *Crátilo*, diálogo em que, fazendo indagações de ordem psicológica sobre pressupostos relacionados aos sons e aos objetos por eles designados, Platão estabelece uma nova visão da linguagem, pois embora não a conceba como dominada pela φύσις “natureza”, o que apontaria para a ideia de totalidade, não divisa no νόμος “costume”, intrinsecamente direcionado à ideia de relatividade, qualquer caráter de casualidade e de arbitrariedade; nessa nova concepção, ela se apresenta não mais como mero instrumento do saber, mas considerada em si mesma, em sua própria historicidade.

O teor da disputa não passou despercebido aos romanos, entretanto, sem que se empenhassem decididamente por um ou por outro lado, visto terem interesse diverso nela; é, fundamentalmente, disso que trata este artigo. Conforme Pagliaro (1930, p. 26), Hélio Estilão (150-70 a.C.) foi um dos que abordaram o assunto, contudo, não tendo sido possível o acesso a textos desse autor, o estudo da analogia entre os latinos parte, aqui, de Varrão, seu discípulo.

O Período Romano

Relativamente aos latinos,² o Período Romano abrange as doutrinas produzidas em Roma que datam de 169 a.C. a 530 d.C.,³ ou seja, até o início do Período Bizantino (529 a 1000 d. C.). Apresenta três fases, a saber: a primeira fase vai da chegada de Crates de Malos a Roma ao Século de Augusto – a ela pertencem Varrão e Cícero; a segunda fase vai do final do Século de Augusto a 300 d.C.; a terceira fase vai de 300 a 530 d.C.

Marco Terêncio Varrão (116-27 a.C.), famoso polígrafo latino, combinou os estudos de Cleantes (331-232 a. C.), da escola de Pérgamo, com os de Aristófanes de Bizâncio (257-187 a.C.), da escola de Alexandria; dentre outras coisas, escreveu vinte e cinco livros de teoria gramatical: *De Lingua Latina* “Sobre a Língua Latina”, tendo remanescido os livros de V a X. Derivando suas definições da gramática de Dionísio Trácio, destinou os três primeiros livros à etimologia e os três últimos, que interessam mais diretamente a

2 É necessário esse recorte pelo fato de que houve no Período Romano as doutrinas gregas, defendidas por autores como Apolônio Díscolo, Aélio Herodiano, Diógenes Laércio (SANDYS, 1915, p. 73-91).

3 As denominações dos períodos são as utilizadas em Sandys (1915, p. 51-72).

este trabalho, à controvérsia entre analogia e anomalia, dividindo-os da seguinte forma: o livro VIII destina-se aos argumentos contrários à analogia, o livro IX traz argumentos contrários à anomalia e, no livro X, Varrão expõe sua opinião pessoal sobre a analogia. A tônica desses três livros, acredita-se, é a mesma daquela utilizada na controvérsia grega, ou seja, partindo dos mais variados fatos linguísticos, expõem-se argumentos que intentam justificar a tomada de partido por uma ou outra tendência frente ao problema da linguagem. O conjunto desses livros se constitui no mais completo material encontrado a respeito do tema no período em questão, além do mais, figura como o primeiro trabalho latino de Gramática (43 a. C.). Para o *corpus*, foi utilizada a edição de Kent (1979), sempre com a preocupação de ficar o mais próximo possível do texto latino – cabe dizer que somente uma pequena parte do conjunto foi comentada aqui.

O trecho a seguir é do livro VIII (IX):

- (01) 23. Porque, se acaso acontece algumas vezes observada não só a vontade, pelo desvio voluntário, como também a essência, pela natureza, que, de qual espécie sejam, serão esclarecidas abaixo; porque não importa qual o desvio dos dois, uns similares se fazem, outros diferentes. Sobre isso, os gregos e os latinos fizeram muitos livros: embora uns considerassem ser conveniente seguir na fala as palavras que, pelas semelhanças, paralelamente, fossem declinadas, ao que denominaram ἀναλογίας “de analogia”; outros consideravam que isso deveria ser negligenciado e, de preferência, seguindo a dessemelhança, que está no costume, a que chamaram ἀνωμαλίαν ‘anomalia’. Quanto a mim, julgo que ambas devem ser seguidas por nós, porque se no desvio voluntário há anomalia, na natureza há a mais notável analogia.⁴

Excerto longo, mas importante para a compreensão tanto dos termos da disputa quanto da postura do autor em face dela, além disso, segue padrão adotado por Varrão na explanação dos pontos avaliados; assim, devido à necessidade de apreender o contexto em que a ocorrência do termo se dá, sempre que for mister, serão utilizados fragmentos com características semelhantes.

É de se notar que, extraído de um livro destinado a se posicionar opostamente à analogia, parece contraditória a essência do excerto, que avaliza tanto o seguimento da anomalia quanto da analogia, entretanto, essa aparente contradição merece ser considerada, seja porque os três livros são do mesmo autor, o que, naturalmente, acaba levando a uma postura única, seja por uma tendência, mais afeita ao espírito romano – em comparação com os gregos –, de não se ocupar demasiado com questões de caráter especulativo, seja pela circunstância histórica, percebida por Varrão, que exigiu a sistematização do uso da língua, devido ao fato de Roma se alçar a centro de uma civilização.

Convém observar que, mesmo nos dias atuais, sabendo ou não, querendo ou não, quem, em se tratando de linguagem, se posiciona num dado momento em favor de uma proposição que se diz baseada na analogia ou na anomalia está, no caso desta assertiva, defendendo uma concepção que considera a linguagem como tendo origem humana – a exemplo de Parmênides e Demócrito; no caso daquela, defendendo uma concepção que

4 23. No original: *Cum utrumque nonnunquam accidat, et ut in voluntaria declinatione animadvertatur natura et in naturali voluntas, quae, cuiusmodi sint, aperientur infra; quod utraque declinatione alia fiunt similia, alia dissimilia, de eo Graeci Latini que libros fecerunt multos, partim cum alii putarent in loquendo ea verba sequi oportere, quae ab similibus similiter essent declinata, quas appellarunt ἀναλογίας, alii cum id neglegendum putarent ac potius sequendam [dis]-similitudinem, quae in consuetudine est, quam vocarunt ἀνωμαλίαν, cum, ut ego arbitror, utrumque sit nobis sequendum, quod in declinatione voluntaria sit anomalia, in naturali magis analogia.* (KENT, 1979, p. 388 e 390)

considera a linguagem como tendo origem divina – concepção que seria a de Heráclito. De um modo geral, pode-se dizer que Varrão deixa essa questão de lado, contudo, parece indelével certo sentido de “positividade” que envolve a ideia de analogia, em detrimento de certo sentido de “negatividade” que envolve a ideia de anomalia; obviamente, entende-se como negativo aquilo que teria vindo do homem; como positivo, aquilo que teria vindo de Deus.

Quando esses conceitos são colocados no plano da análise da *inclinatio* “flexão”, passando tanto pela questão da forma quanto da função das palavras, ocorre certo deslocamento de ambos: a anomalia passa a sugerir o *desvio pela dessemelhança* e a analogia, por sua vez, o *desvio pela semelhança*.

Concluindo, vale notar que a postura de Varrão no sentido de seguir ambas as tendências é bem clara; além do mais, quando ele informa que não só por gregos como também por latinos foram escritos muitos livros sobre o tema, é possível divisar o prenúncio da importância que a discussão ganhará entre esses últimos, que é a de ajudar a fixar os fundamentos gramaticais da língua latina. Assim, tem-se confirmada a importância da analogia.

A passagem a seguir é igualmente do livro VIII (XXV):

- (02) 48. Também no número, como *pater* “pai” significa um, *patres* “pais” significa mais de um; assim, todas as coisas deveriam ser duplas. Mas também muitas são apenas singulares, como *cicer* “chícharo”, *siser* “cherívia”: com efeito, ninguém diz *cicera*, *sisera*; também muitas são apenas do plural, como *salinae* “salinas”, *balneae* “banhos”: com efeito, dessas não há forma de singular que se diz *salina* e *balnea*. E nem desse, porque dizem *balneum* “banho”, tem o uso do plural: de fato, porque é como *praedium* “propriedade”, deveriam ser plurais, como *praedia*, *balnea*; uma vez que não é, logo, não existe, também nessas, analogia.⁵

Esse extrato é um exemplo típico da maneira por que Varrão transpôs para o latim a contenda grega: afirmando que há analogia em certos casos de flexão de “número” e em outros não, sutilmente, reconhece a produtividade tanto da *analogia* quanto da anomalia: ao selecionar os exemplos com “problemas” na flexão de “número”, foi assaz consciencioso, pois apresentou casos em que há interferência de outra categoria de flexão; certamente, com o intuito de corroborar sua posição de defender as duas partes contendoras.

Em *cicer* “chícharo”, tem-se um exemplo de palavra do gênero neutro; ocorre que essa categoria de flexão, tripartida em masculino/feminino/neutro, sofre muitas variações em sua sistematização. Em *siser* “cherívia”, que, junto com *cicer*, forma o par de palavras apresentadas como problemáticas por terem apenas a forma de singular, dá-se a questão de ser entendida ora como do “gênero” neutro ora como do “gênero” feminino, ou seja, uma variação a mais na sistematização.

Em *salinae* “salinas” e *balneae* “banhos”, ambas pertencentes ao “gênero” feminino e, nessa forma e com essa significação, só ocorrendo no plural, novamente, dá-se interposição da questão do “gênero” neutro; *salinae* é cognata de *sal* “sal”, masculina, e de *salinum* “saleiro”, neutra; *balneae* é cognata de *balneum* “banho”, neutra. É evidente

5 48. No original: *Et in multitudine ut unum significat pater, plures patres, sic omnia debuerunt esse bina. Sed et singularia solum sunt multa, ut cicer, siser: nemo enim dicit cicera, sisera; et multitudinis sunt, ut salinae [balneae]: non enim ab his singulari specie dicitur salina et balnea. Neque ab eo quod dicunt balneum habet multitudinis consuetudo: nam quod est ut praedium balneum, debuerunt esse plura, ut praedia balnea, quod non est: non est ergo in his quoque analogia.* (KENT, 1979, p. 390)

que, a partir de *salinum* e *balneum*, da segunda “declinação”, na flexão em *-a* do neutro plural, tem-se *salinae* e *balneae*, plurais da primeira “declinação”, que é, basicamente, a dos substantivos femininos terminados em *-a*; processo de separação das palavras pelo “gênero gramatical”. Relativamente ao “gênero natural”, é indicado pela significação das coisas, mas depende, dentre outros fatores, de como essas coisas são vistas; não é à toa que uma mesma palavra pode ser entendida como de “gêneros” diferentes em diferentes línguas.

A discordância entre os “gêneros” natural e gramatical das coisas não foi discutida pelos analogistas, sendo, antes, um dos pontos basilares de seus opositores; assim, ao não suscitar a questão, mesmo quando ela interfere em outra categoria de flexão gramatical, como nesse extrato, Varrão está, também, mantendo a tradição da disputa. De qualquer forma, trata-se de um registro de uso da analogia num caso de flexão de palavras abordando a questão do “número”, passando pela questão do “gênero”.

A passagem a seguir também é do livro VIII (XXXVI):

- (03) 64. Em segundo lugar, em relação ao que Crates [diz], por que as que têm um só caso, como as letras gregas, não se dizem *alpha* “alfa”, *alphati*, *alphatos*, se for respondido a mim o mesmo que a Crates, não serem palavras nossas, mas totalmente bárbaras, perguntarei por que, do mesmo modo, tanto os nossos nomes quanto os dos persas e dos restantes, que chamam bárbaros, dizem-se com casos. / 65. Porque se fossem [ditas] por analogia, dissessem por um só caso, como as palavras dos fenícios e dos egípcios, ou por vários, como dos gauleses e dos restantes; acaso dizem *alauda* “alauda”, *alaudas* e, assim, as outras. Mas se, como escrevem, dizem que as letras gregas são chamadas por um só caso porque são dos fenícios, assim, os gregos deviam dizer nossas palavras em seis casos, não em cinco; visto que não fazem isso, não existe analogia.⁶

Aqui, buscou-se alguma palavra que, substituindo analogia, pudesse expressar seu sentido no texto; pode-se dizer que sua última ocorrência nesse excerto tende para o sentido de “regularidade”. É importante essa observação porque, quando o assunto é Gramática, “regularidade” é a palavra utilizada por muitos em substituição a analogia, seja em traduções diretas do grego ou do latim seja em traduções indiretas.

De fato, a partir das análises dos textos de Varrão, frequentemente, a analogia passou a ser tomada como “regularidade” e a anomalia como “irregularidade”. Vistas pois sob esse prisma, é aceitável serem compreendidas como um “par opositivo perfeito”, todavia, deve-se ter em mente o deslocamento que sofreram ao serem dispostas no plano da análise da flexão.

Para constatar a mencionada “negatividade” intrinsecamente relacionada ao que se entende por anômalo, basta observarem-se alguns vocábulos tidos amiúde como seus sinônimos; com efeito, em anômalo, é inextricável a noção de “privação” (e, por extensão, de “negação”, de “afastamento”) suscitada pelo prefixo indo-europeu **nē-*. Por exemplo, *anormal* traz esse mesmo prefixo passando igualmente pelo grego; “irregular” o traz passando pelo latim; “desigual” e “dessemelhante”, que, pela adjunção do prefixo

6 64. No original: *Secundo quod Crates, cur quae singulos habent casus, ut litterae Graecae, non dicantur alpha alphati alphatos, si idem mihi respondebitur quod Crateti, non esse vocabula nostra, sed penitus barbara, quaeram, cur idem nostra nomina et Persarum et ceterorum quos vocant barbaros cum casibus dica[n]t. / 65. Quare si essent in analogia, aut ut Poenicum et Aegyptiorum vocabula singulis casibus dicerent, aut pluribus ut Gallorum ac ceterorum; nam dicunt alauda alaudas et sic alia. Sin quod scribunt dicent, quod Poenicum si[n]t, singulis casibus ideo eas litteras Graecas nominari: sic Graeci nostra senis casibus non quinis dicere debebant; quod cum non faciunt, non est analogia.* (KENT, 1979, p. 422)

“des-”, vindo seja da união das preposições latinas *de* e *ex* seja da romanização do prefixo *dis-*, têm “negada”, “afastada” a significação de “parecença” que encerrariam sem ele; “dissímil”, “dissemelhante” e “diferente” têm toda a carga de *negação* conferida pelo prefixo indo-europeu **dis-* “dis-”;⁷ “extraordinário”, que significa “o que está fora da ordem, da regra”, constitui-se do adjetivo “ordinário” acrescido do prefixo latino *extra-*, que exprime a ideia de “movimento para fora”; “aberrante”, literalmente “o que erra por longe”, é “o que está muito longe das regras naturais”, e é formado pela palavra, já com sentido *negativo*, “errante” acrescida de ideia superlativa, devido ao prefixo latino de “afastamento”, “separação” *ab-*. Obviamente, sendo a analogia tida como oposta à anomalia, é justo concluir que esteja imbuída do caráter de “positividade”. Assim, valendo-se desse último vocábulo para exemplificação, pode-se dizer que o análogo equivale “ao não aberrante”, na medida em que se opõe ao “negativo”.

Direcionando a análise mais especificamente para o excerto, verifica-se que Varrão defende indiretamente a anomalia, ao reclamar da ausência de analogia, que, conforme se observou, quando se trata das flexões das palavras, tem acentuado sentido de “regularidade”.

Fundamentalmente, é abordada a categoria gramatical relativa aos “casos”. Entretanto, ao fazer essa abordagem, que se constitui num questionamento da influência grega no latim, o autor está ajudando a estabelecer as regras que serão adotadas pelos romanos no trato gramatical, como: nomes de letras são invariáveis, o latim tem seis casos, diferentemente do grego, que tem cinco; ademais, indica o que não deve ser imitado aos gregos, quando, na palavra celta “*alauda*”, mostra o morfema “-as”, do genitivo grego dos nomes em “a”, que não se coaduna com o correspondente latino.

O trecho seguinte pertence ao livro IX (I):

- (04) 2. Mas aqueles que nos mandam seguir no falar em parte o costume em parte a razão, não discrepam tanto, porque a razão e a analogia são mais atreladas entre si do que eles creem, / 3. porque a analogia é nascida de um certo costume, e, desse costume, também é nascida a anomalia. Por isso que o costume consiste nas dessemelhanças e nas semelhanças das palavras e em suas derivações, e nem a anomalia nem a analogia devem ser repudiadas; salvo se o homem não é da alma, porque é do corpo e da alma.⁸

Outra vez, num livro destinado a defender uma das partes, no caso a analogia, se verifica a defesa de ambas. Porém, o excerto contém algo novo: a afirmação de que o *consuetudo* “costume” está na origem tanto da analogia (“semelhanças”) quanto da anomalia (“dessemelhanças”) e em suas derivações. Está claro que aquelas se encontram, como par opositivo, no mesmo plano; quanto ao que denomina *declinationibus* “derivações”, pela lógica, dizem respeito às flexões de caso, gênero, número.

Conforme se comentou acima, o “costume” (νόμος), estando intrinsecamente ligado à ideia de “relatividade”, diz respeito a essa última (anomalia); nota-se, assim, que Varrão não apenas trabalha com os conceitos no plano da flexão das palavras como tem

7 Cf. Romanelli (1964, p. 54).

8 2. No original: *Sed ii qui in loquendo partim sequi iube[n]t nos consuetudinem partim rationem, non tam discrepant, quod consuetudo et analogia coniunctiores sunt inter se quam iei credunt, / 3. quod est nata ex quadam consuetudine analogia et ex hac [consuetudine item anomalia. Quare quod] consuetudo ex dissimilibus et similibus verbis eorumque declinationibus constat, neque anomalia neque analogia est repudianda, nisi si non est homo ex anima, quod est ex corpore et anima.* (KENT, 1979, p. 442)

uma visão diferente daquilo que os motiva. Trata-se de uma posição importante, porque vai de encontro à opinião de muitos que abordaram o assunto em momentos anteriores; de qualquer modo, convém observar que, para Varrão, certas alterações no plano da linguagem se dão sem que haja a interferência da *rationem* “razão”.

Continuando, IX (I):

- (05) 4. Mas, para que essas coisas que direi possam ser distinguidas mais facilmente, primeiramente, devem ser discernidos os encadeamentos dos três: de fato, confusamente, são ditos pelo sentido de cada um deles e por vários sentidos, daquelas que devem ser referidas em suma por um sentido e daquelas que devem ser referidas por outro sentido. Em primeiro lugar, [o discernimento] dos encadeamentos da natureza e dos usos; de fato, esses dois são dirigidos pelo que é diverso, porque uma coisa é dizer haver analogias das palavras, outra coisa é dizer convir serem usadas as analogias. Em segundo lugar, [o discernimento] dos encadeamentos de grande número e do todo, se acaso seja dito o uso das analogias de todas as palavras ou da maior parte. Em terceiro, [o discernimento] dos encadeamentos das pessoas, que são bastante numerosas, como elas devam usar.⁹

Sendo continuação do trecho anterior, os três encadeamentos que devem ser discernidos são o costume, a analogia e a anomalia; todo o excerto se centra na dificuldade de estabelecer quando um dado encadeamento se dá por um ou por outro motivo. Esse trecho aborda a questão dos usos individual e coletivo da linguagem; com efeito, trata-se de problema fulcral atinar com o que leva ao desenvolvimento da linguagem, porém, é evidente que Varrão confere à analogia um papel primordial.

Particularmente interessante é esta passagem: *quod aliud est dicere [esse] verborum analogias, aliud dicere uti oportere analogiis* “porque uma coisa é dizer haver analogias das palavras, outra coisa é dizer convir serem usadas as analogias”; por ele, vê-se que o autor atenta para o fato de que, às vezes, o processo analógico se dá, já que foi reconhecida a analogia entre as palavras, contudo, sabe que, por um ou outro motivo, há situações em que não interessa ao falante guiar-se por ela, seguindo, por exemplo, as “dessemelhanças”.

O trecho que se segue pertence ao livro X (II):

- (06) 36. Dessas, cada uma razão [é] comparada a outra semelhante ou dessemelhante, ou então, muitas vezes, palavras diferentes, mas a mesma razão, e, às vezes, razão diferente, mas as mesmas palavras. De forma que a razão em *amor* “amor”, *amori*, é a mesma em *dolor* “dor”, *dolori*, mas não é a mesma em *dolor*, *dolorem*, e, embora a mesma razão existente em *amor* e *amoris* exista em *amores* “amores” e *amorum*, todavia, essa, porque não é nela que convém ser comparada a matéria, por si só não pode efetuar as analogias, por causa da disparidade das formas das vozes, porque uma palavra singular é ligada a uma plural; assim, quando é [razão] *pro portione* “em face da parte”, de modo que tenha a mesma razão, então essa razão executa o que deseja a analogia, a respeito do que direi em seguida.¹⁰

9 4. No original: *Sed ea quae dicam quo facilius pervideri possint, prius de trinis copulis discernendum [nam confusim ex utraque parte pleraque dicuntur, quorum alia ad aliam referri debent summam]: primum de copulis naturae et [u]suis: haec enim duo sunt quo derigunt[ur] diversa, quod aliud est dicere [esse] verborum analogias, aliud dicere uti oportere analogiis; secundum de copulis multitudinis ac finis, utrum omnium verborum dicatur esse analogia[r]rum usus an maioris partis; tertium de copulis personarum, qui eis debef[er]nt uti, quae sunt plures.* (KENT, 1979, p. 442)

10 36. No original: *Quarum una quaeque ratio collata cum altera aut similis aut dissimilis, aut saepe verba alia, ratio eadem, et nonnunquam ratio alia, verba eadem. Quae ratio in amor amori, eadem in dolor dolori, neque eadem in dolor dolorem, et cum eadem ratio quae est in amor et amoris sit in amores et amorum, tamen ea, quod non in ea qua oportet confertur materia, per se solum efficere non potest analogias propter disparilitatem vocis figurarum, quod verbum copulatum singulare cum multitudine: ita cum est pro portio-*

Extraído do livro que expõe a opinião do autor sobre a analogia, esse excerto – e o próximo – não trata de seu par opositivo. A julgar pela divisão que propõe, as possibilidades de ocorrência do processo analógico seriam três: I. quando a razão é comparada a outra semelhante ou dessemelhante; II. quando se compara a mesma razão a palavras diferentes; III. quando razão diferente é comparada às mesmas palavras. Contudo, uma análise mais apurada revela que os grupos podem ser resumidos a dois: o II. (a) e o III. (b). A exemplificação, escolhida bastante a contento, pode confirmar tal assertiva.

Assim, diante de *dolor* “dor”, *dolorem*, observa-se que a aproximação de *amor* “amor”, *amori* e *dolor*, *dolori* pertence ao grupo (a), isto é, palavras diferentes – “singulares”, “masculinas” e de “tema” consonântico em “r” – comparadas segundo a mesma razão, qual seja, o “caso” dativo (já que *dolorem* está no “caso” acusativo); quanto ao segundo exemplo, *amor* (“caso” nominativo, “número” singular), *amoris* (“caso” genitivo, “número” singular) e *amores* (“caso” nominativo, “número” plural), *amorum* (“caso” genitivo, “número” plural), nota-se que pertence ao grupo (b), isto é, mesma palavra e razão diferente (número).

É claro que se pode aproximar *amor*, *amori* e *dolor*, *dolorem*, isto é, palavras diferentes e razão diferente (“caso”), o que se encaixaria no segundo tipo do primeiro grupo proposto pelo autor – razão comparada a outra dessemelhante –, porém, nota-se que há outras razões idênticas (“gênero”, “número”), justamente para garantir a aproximação – o que, na prática, revela que esse exemplo se encaixa no primeiro tipo do primeiro grupo proposto pelo autor, ou seja, razão comparada a outra semelhante –, em outras palavras, uma variação do grupo (a); outra possibilidade é a aproximação de *dolor*, *dolori* (“caso” genitivo) e *dolor*, *dolorem* (“caso” acusativo), ou seja, mesma palavra e razão diferente (“caso”), em outros termos, uma variação do grupo (b).

Convém frisar ainda a necessidade, apontada por Varrão, de considerar a mesma *materia* “matéria”, que, pelo contexto, pode ser entendida como λόγος “razão”, quando se deseja saber se há ou não analogia entre dois elementos.

O trecho seguinte, imediato ao anterior, também é do livro X (III):

- (07) 37. Segue-se a terceira colocação, qual seja, a razão *pro portione*. Essa, em grego, chama-se ἀνὰ λόγον; do análogo, diz-se a analogia. Se coisas dessemelhantes, que, de alguma parte da mesma espécie, têm alguma razão entre si, se a essas duas, duas outras, que tenham a mesma razão, são levadas, pelo fato de que, se esses dois pares de palavras têm, cada um, o mesmo λόγον, se diz, de um e de outro, separadamente, ἀνάλογον “análogo”, juntamente comparadas as quatro, [se diz] ἀναλογία.¹¹

Marcadamente didático, esse excerto aponta a preocupação do autor no sentido de, ao mesmo tempo em que busca explicar o que significa, também transladar para o latim a palavra ἀναλογία; da transladação acima, *pro portione*, literalmente, “em face da parte”, vingou a grafia unificada dos formantes, *proportione*, cristalizada com o sentido de “proporção”.

ne, ut eandem habeat rationem, tum denique ea ratio conficit id quod postulat analogia; de qua deinceps dicam. (KENT, 1979, p. 560 e 562)

11 37. No original: *Sequitur tertius locus, quae sit ratio pro portione; [e]a Graece vocatur ἀνὰ λόγον; ab analogo dicta analogia. Ex eodem genere quae res inter se aliqua parte dissimiles rationem habent aliquam, si ad eas duas alterae duae res allatae sunt, quae rationem habeant eandem, quod ea verba bina habent eundem λόγον, dicitur utrumque separatim ἀνάλογον, simul collata quattuor ἀναλογί[ι]α.* (KENT, 1979, p. 562)

Muitas vezes, Varrão relacionou esta forma e sentido à palavra ἀναλογία,¹² todavia, nunca – ao menos nos textos pesquisados – como uma *tradução* propriamente dita, denotando que também ele sentiu dificuldade em transladar para o latim a palavra grega – note-se que, além dessa dificuldade, havia a questão do sentido de *regularidade* que, pelas diretrizes dadas por esse autor aos estudos gramaticais, se revestia a analogia.

Considerações finais

A célebre frase de Horácio *Graecia capta ferum victorem cepit et artis / intulit agresti Latio*. “A Grécia subjugada subjugou o seu feroz vencedor e introduziu as artes no agreste Lácio.” (*Epístolas*, II, 1, 156-157),¹³ a qual alude à significativa influência que, do ponto de vista cultural, os vencidos gregos exerceram sobre os vencedores romanos, sem dúvida, pode ser reconhecida quando se considera o eco que as reflexões acerca da analogia – tão fartamente discutida por aqueles nos embates entre os “que entendiam que a linguagem se devia constituir por ‘analogia’, ou seja, por formação derivada, e os que sustentavam que o primado devia vir da ‘anomalia’, isto é, do acordo com o uso” (PEREIRA, 1989, p. 210) – produziram junto aos romanos no tocante aos estudos de gramática.

Varrão, convencido da irrelevância da disputa e ante a necessidade histórica de sistematizar a língua latina – há indícios de que foi ele “o primeiro a distinguir as cinco declinações latinas” (PEREIRA, 1989, p. 211) –, faz desaparecer a famosa controvérsia dos tratados em língua latina. Assim, por sua importância para os estudos do latim; por ter sido o primeiro dentre os romanos a deixar material sobre o tema; e, mesmo, pelas características desse material, se justifica esse olhar sobre Varrão.

Conforme se comentou, comparativamente ao todo, pouco se viu; no entanto, o suficiente para auferir uma noção satisfatória da influência que os estudos gramaticais de Varrão tiveram da analogia, conceito tão caro aos antigos, fundamental para os neogramáticos do século XIX, e ainda produtivo nos estudos linguísticos atuais.

REFERÊNCIAS

FAIRCLOUGH, H. Rushton. *Horace: satires, epistles and ars poetica*. Cambridge: Harvard University Press, 1978. 509 p.

KENT, Roland Grubb. *Varro: on the latin language*. v. II. Cambridge: Harvard University Press, 1979. 676 p., 2 v.

PAGLIARO, Antonino. *Sommario di linguistica arioeuropea*. Fascicolo I. “Cenni Storici e Questioni Teoriche”. Roma: “L’Universale” Tipografia Poliglotta, 1930.

PEREIRA, Maria Helena da Rocha. *Estudos de história da cultura clássica: cultura latina*. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1989. 558 p.

12 Cf. Kent (1979, VIII, (XXVII, 50), p. 408 e 410; VIII, (XLI, 80), p. 434; X, (III, 51), p. 572).

13 Cf. Fairclough (1978, p. 408).

ROMANELLI, Rubens Costa. *Os prefixos latinos* – da composição verbal e nominal, em seus aspectos fonético, morfológico e semântico. Belo Horizonte: Imprensa da Universidade de Minas Gerais, 1964. 135 p.

SANDYS, John Edwin. *A short history of classical scholarship* – from the sixth century B. C. to present day. Cambridge: University Press, 1915.